

# O diálogo entre Einstein e Freud sobre a guerra

Prof. Marcelo Augusto dos Reis\*

## Introdução

Lançado no dia 20 de julho 2023, o mais recente filme do diretor Christopher Nolan, intitulado *Oppenheimer* (Universal Pictures, 2023), rememora o advento da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e remete a diversas reflexões acerca do papel da ciência nos conflitos bélicos. A obra discorre sobre o papel do físico estadunidense Julius Robert Oppenheimer no projeto Manhattan, desenvolvido no Laboratório Nacional de Los Alamos, do qual era o diretor científico. Tal empreendimento culminou no desenvolvimento das bombas atômicas lançadas sobre as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki em agosto de 1945, matando cerca de 210 mil pessoas instantaneamente ou nos cinco meses seguintes, devido a efeitos relacionados à radiação (Tomonaga, 2019).

Anos antes da eclosão da Segunda Guerra, precisamente no ano de 1932, duas das maiores personalidades científicas do século XX trocaram correspondências tratando do seguinte tema: “existe alguma forma de livrar a humanidade da ameaça de guerra?”. A partir desse mote, o físico Albert Einstein convida o psicólogo Sigmund Freud a tratar do assunto, cujo registro histórico encontra-se em duas cartas conhecidas na literatura sob o título “Por que a guerra?” (Ventura e Seitenfus, 2005).

Ironicamente, sete anos mais tarde, em agosto de 1939, o famoso físico viria a alertar, por meio de carta endereçada<sup>1</sup> ao então presidente

dos Estados Unidos, Franklin Delano Roosevelt, um possível desenvolvimento de armas nucleares empreendido pela Alemanha Nazista e, dessa forma, expunha seu apoio ao que foi posteriormente conhecido como projeto Manhattan (The Manhattan Project, 2023).

Imbuído de inquietações acerca do papel das ciências naturais nas forças armadas, desejo dar um passo atrás na questão nuclear e refletir não sobre o caráter técnico das disciplinas científicas e suas relações com, por exemplo, o desenvolvimento dos equipamentos de guerra, mas, sim, sobre um aspecto oposto a ela: a perspectiva de paz entre nações. Neste ensaio, procuro articular a ideia de paz a partir da visão de cientistas proeminentes, como Einstein e Freud, à luz da obra *À paz perpétua* (Kant, I., 2020) do filósofo Immanuel Kant, o qual propõe uma reflexão sobre a eventualidade de paz entre nações independentes.

## Discussão e análise crítica

Nas subseções a seguir, é apresentado um extrato do opúsculo *À paz perpétua*, de Kant, bem como o conteúdo das cartas trocadas entre Einstein e Freud. Quando apropriado, procurei cotejar o conteúdo das cartas com a obra de Kant em questão, comparando os discursos dos cientistas e do filósofo. Cabe advertir o leitor que *À paz perpétua* foi publicada em 1795 e, portanto, 137 anos antes das correspondências

\*Servidor Civil; Professor de Física; Bacharel em Física (UNICAMP); Mestrado em Física (UNICAMP/2008); Doutorado em Física (UNICAMP/2013).

que são objetos desse texto e qualquer anacronismo subjacente deve-se à imperícia do presente autor.

## A obra *À paz perpétua* de Kant

O filósofo prussiano Immanuel Kant (1724-1804) redige a obra *À paz perpétua* no contexto histórico do pós-Revolução Francesa, precisamente no advento da Paz da Basileia, cujo tratado foi firmado em abril de 1795 entre a recém-fundada República Francesa e a Prússia (atual Alemanha). O estilo de escrita e a forma dos capítulos foram inspirados nos próprios documentos de tratados de paz da época, em que constavam artigos preliminares, definitivos, suplementos e apêndices. Em seus seis artigos preliminares, o autor expõe condições que julga necessárias para a paz, que, em síntese, versam sobre os seguintes tópicos: 1) Um tratado de paz não deve servir como estratégia para uma guerra futura; 2) Nenhum Estado pode ser adquirido por outro Estado mediante herança, troca, compra ou doação; 3) Exércitos permanentes devem desaparecer completamente com o tempo; 4) Nenhuma dívida pública deve ser contraída em relação a interesses externos do Estado; 5) Nenhum Estado deve interferir pela força na constituição e no governo de outro Estado; 6) Nenhum Estado em guerra com outro deve permitir hostilidades tais que devam tornar impossível a confiança mútua na paz futura. Os três artigos definitivos da obra, contudo, são: I) “A constituição civil de todo Estado deve ser republicana”; II) “O direito do povo deve ser fundado em um federalismo de Estados livres”. Nesse sentido, evidencio que, em sua argumentação, o filósofo preconiza e prenuncia instituições como a Liga das Nações<sup>2</sup>, criada mais de um século depois da publicação de sua obra:

Deve haver uma liga de tipo especial, que pode ser denominada liga de paz, que se distinguira do contrato de paz pelo fato de que este buscaria terminar com todas as guerras para sempre (Kant, I., 2020, p. 45).

Por último, mas não menos importante, o terceiro artigo definitivo de sua obra enuncia que III) “O direito cosmopolita deve ser limitado às condições da hospitalidade universal”, isto é, hospitalidade entendida como o direito de um estrangeiro de não ser tratado de maneira hostil, por ocasião de sua chegada ao solo de outros povos.

## Carta de Einstein a Freud

Albert Einstein fora convidado pela Liga das Nações a conferenciar com outra figura científica de sua escolha sobre tema igualmente livre. Assim, o físico optou por um cientista de outra área do conhecimento para debater o fim da ameaça de guerra. Em sua escrita, Einstein deixa claro que devido, à objetividade de seu ofício e lacunas de seu conhecimento em ciências mentais – modo como se refere à *expertise* de Freud –, acredita que o debatedor escolhido pode fornecer elementos importantes ao tema ora proposto. O físico acredita que, para extinguir a ameaça de guerra, deva haver iniciativas supranacionais:

[...] por meio de acordo internacional, de um organismo legislativo e judiciário para arbitrar todo conflito que surja entre nações. Cada nação submeter-se-ia à obediência às ordens emanadas desse organismo legislativo, a recorrer às suas decisões em todos os litígios, a aceitar irrestritamente suas decisões e a pôr em prática todas as medidas que o tribunal considerasse necessárias para a execução de seus decretos.

Isso vai ao encontro da proposição de Kant em seu segundo artigo definitivo, conforme indicado anteriormente. Ao longo da carta, o cientista revela um de seus princípios:

[...] a busca da segurança internacional envolve a renúncia incondicional, por todas as nações, em determinada medida, à sua liberdade de ação, ou seja, à sua soberania, e é absolutamente evidente que nenhum outro caminho pode conduzir a essa segurança.

A meu ver, essa é uma forma extremada de lidar com valores nacionais em busca de uma harmonia internacional. Por outro lado, a despeito de elementos nacionais, como tradições, cultura, valores morais e soberania, a ideia do direito cosmopolita kantiano, ao menos do ponto de vista legal, permite vislumbrar a possibilidade de tais elementos serem deixados de lado em prol de um acordo supranacional. No contexto de uma república democrática, Einstein ainda questiona como é possível a classe governante dobrar a vontade da população, que “se resigna a perder e a sofrer com uma situação de guerra, a serviço da ambição de poucos”, classe esta cujos indivíduos são:

indiferentes às condições e aos controles sociais, consideram a guerra, a fabricação e venda de armas simplesmente como uma oportunidade de expandir seus interesses pessoais e ampliar a sua autoridade pessoal.

Propondo a máxima “o homem encerra dentro de si um desejo de ódio e destruição”, o físico, por fim, levanta a pergunta: “É possível controlar a evolução da mente do homem, de modo a torná-lo à prova das psicoses do ódio e da destrutividade?”. Com isso posto, aguarda hipóteses e explicações que Freud possa tecer para enriquecer o debate.

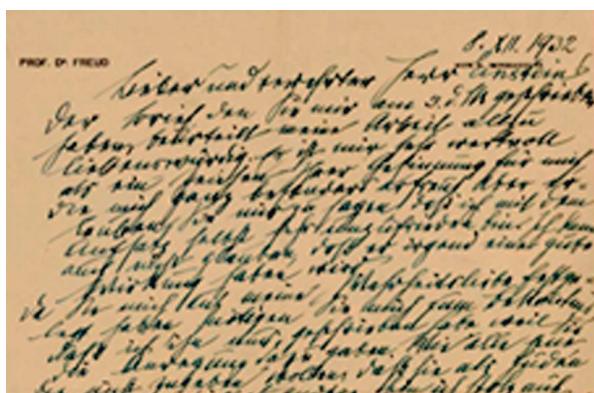
## Carta de Freud a Einstein

Freud manifesta surpresa diante da correspondência de Einstein, do qual não tinha proximidade pessoal ou profissional, mas logo julga certa razoabilidade, considerando que a sugestão tenha sido intermediada pela Liga das Nações bem como o aspecto factual do físico se posicionar na qualidade de filantropo, e não como um cientista de uma área distinta da sua. A primeira proposição do psicólogo ao seu interlocutor foi a alteração léxica do discurso sobre a relação entre direito e poder, substituindo a palavra “poder” por “violência”. Freud diz acreditar em um princípio pelo qual “os con-

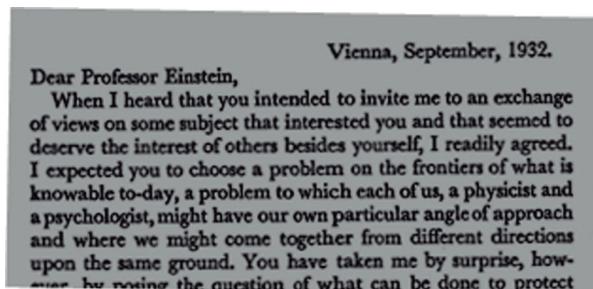
flitos de interesses entre os homens são resolvidos pelo uso da violência”. Para sustentar seu ponto de vista, apresenta a alegoria de pequenas hordas humanas primitivas que utilizavam a força muscular para fazer prevalecer sua vontade, logo substituída por instrumentos rudimentares e, mais tarde, por armamentos de guerra. O autor, contudo, observa que:

A violência podia ser derrotada pela união, e o poder daqueles que se uniam representa, agora, a lei, em contraposição à violência do indivíduo só [...] A única diferença real reside no fato de que aquilo que prevalece não é mais a violência de um indivíduo, mas a violência da comunidade. [...] e, portanto] a solução violenta de conflitos de interesses não é evitada sequer dentro de uma comunidade.

A união de muitos indivíduos socialmente mais frágeis visando à equiparação política de poucos indivíduos que detêm o poder é uma extrapolação razoável do raciocínio de Freud. Nesse contexto, a possibilidade da democracia que visa equilibrar as forças políticas é controversa para Kant<sup>3</sup>, pois esse regime político apresentar-se-ia como um despotismo quando na ação do poder executivo, ainda que diante de um caso raro e extremo, pudesse deliberar contra a vontade de ao menos um indivíduo da comunidade. E, em sua visão, isso é uma contradição da vontade geral consigo mesma e com a liberdade individual.



(a) Manuscrito da carta-resposta redigida em alemão (Freud, 2023)



(b) Carta traduzida para o inglês conforme consta na edição oficial da documentação de S. Freud (Freud, 1933)

Figura 1 – Excerto de carta de Freud endereçada a Einstein

Fonte: Sigmund Freud Papers

O psicólogo hesita, mas concorda com o que foi proposto por Einstein em relação a uma autoridade central que deliberasse sobre as nações – embora essa não tenha sido a incumbência da Liga das Nações na época nem da ONU atualmente. Mais adiante, Freud descreve noções gerais sobre a sua “teoria dos instintos”:

De acordo com nossa hipótese, os instintos humanos são de apenas dois tipos: aqueles que tendem a preservar e a unir – que denominamos “eróticos”, exatamente no mesmo sentido em que Platão usa a palavra “Eros” em seu *Symposium*, ou “sexuais”, com uma deliberada ampliação da concepção popular de “sexualidade” – e aqueles que tendem a destruir e matar, os quais agrupamos como instinto agressivo ou destrutivo.

É a partir desses conceitos que Freud elabora um esboço de resposta à questão inicial sobre as formas de livrar a humanidade da ameaça de guerra:

Se o desejo de aderir à guerra é um efeito do instinto destrutivo, a recomendação mais evidente será contrapor-lhe o seu antagonista, Eros. Tudo o que favorece o estreitamento dos vínculos emocionais entre os homens deve atuar contra a guerra.

De modo muito impreciso, interpreto o modelo proposto por Freud como algo já bem reverberado pelo senso comum, isto é, vínculos emocionais positivos e interesses coletivos colaboram para a atenuação do instinto destrutivo do homem, criando um ambiente

propenso à fraternidade entre nações. Observa-se que o terceiro artigo definitivo de *À paz perpétua* é evidenciado indiretamente na correspondência uma vez mais, pois o direito cosmopolita preconizado por Kant serve de instrumento legal à promoção de uma atmosfera de hospitalidade entre nações e, consequentemente, tem a potencialidade de criação de vínculos emocionais, conforme mencionados por Freud.

Em um tom mais pessimista que Einstein, Freud conclui seu raciocínio:

O resultado, como o senhor vê, não é muito frutífero quando um teórico desinteressado é chamado a opinar sobre um problema prático urgente.

## Conclusão

Se, por um lado, é necessário um órgão supranacional de poder que delibere sobre todas as nações, conforme recomenda Einstein, Freud pondera, por outro lado, que, mesmo no interior de uma comunidade, há divergências intrínsecas desencadeadas pela natureza humana, devido ao seu instinto de destruição e preservação, de acordo com a sua teoria dos instintos.

Além disso, a máxima kantiana, que diz que “o poder em si corrompe inevitavelmente o juízo livre da razão”, ilustra que há dificuldades sérias para solucionar o tema proposto por Einstein. Do ponto de vista das relações entre direito e poder e segundo a filosofia encontrada na obra *À paz perpétua*, Kant elabora duas possibilidades para o homem no poder. A primeira diz respeito à figura do político moral, que seria alguém que, no exercício da função, assumiria os princípios das boas práticas políticas coexistindo com sua moral. A segunda possibilidade traz a figura do moralista político, aquele sujeito que “forja para si uma moral como é conveniente ao interesse do homem de Estado”. Como, todavia, parece haver mais moralistas políticos que políticos morais no plantel disponível ao longo da história, a tese de uma paz perpétua parece-me apenas uma utopia engendrada pelo filósofo alemão.

## Referências

- FREUD, S. **Why War?** Standard Edition, 22: 197-215. London: Hogarth, 1933.
- FREUD, S. **Sigmund Freud Papers:** General Correspondence, – 1996; Einstein, Albert, concerning Why War?; Letters from Freud; 1932 to 1936. 1936, 1932. Manuscript/Mixed Material. Retirado da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos. Disponível em: <[www.loc.gov/item/mss3999000550/](https://www.loc.gov/item/mss3999000550/)>, imagem 57. Acesso em: 27 jul 2023.
- KANT, I. **À paz perpétua:** um projeto filosófico. Petrópolis: Editora Vozes, 2020.
- THE MANHATTAN PROJECT. **Einstein's letter to Roosevelt.** Disponível em: <[www.osti.gov/opennet/manhattan-project-history/Resources/einstein\\_letter\\_photograph.htm](https://www.osti.gov/opennet/manhattan-project-history/Resources/einstein_letter_photograph.htm)>. Acesso em: 27 jul 2023.
- TOMONAGA, M. **The Atomic Bombings of Hiroshima and Nagasaki:** A Summary of the Human Consequences, 1945-2018, and Lessons for Homo sapiens to End the Nuclear Weapon Age. Journal for Peace and Nuclear Disarmament, Vol. 2, no 2, 491-517, 2019.
- UNIVERSAL PICTURES. **Oppenheimer | New Trailer.** YouTube, 8 de maio de 2023. Disponível em: <<https://youtu.be/uYPbbksJxIg>>. Acesso em: 27 jul 2023.
- VENTURA, D. de F. L.; SEITENFUS, R. A. S. **Um diálogo entre Einstein e Freud:** por que a guerra? Santa Maria: FADISMA, 2005.

---

## Notas

<sup>1</sup> A carta foi, na verdade, escrita pelo físico húngaro Leo Szilard e contava com o apoio de outros físicos estrangeiros exilados nos Estados Unidos. O documento, entretanto, foi assinado por Albert Einstein.

<sup>2</sup> A Liga das Nações foi criada no Tratado de Versalhes em 1919 e, portanto, após a Primeira Guerra Mundial. A Liga tinha como propósito criar um espaço entre as nações e evitar novas guerras. Mais tarde, após a Segunda Guerra, a Organização das Nações Unidas (ONU) fora criada com propósito semelhante.

<sup>3</sup> Para os estudiosos de Kant, sua preferência pela monarquia em relação à democracia é conhecida.